

A cobertura imagética da Primeira Guerra Mundial na imprensa de Belém¹

Thaís Christina Coelho SIQUEIRA²
Netília Silva dos Anjos SEIXAS³
Universidade Federal do Pará, PA

Resumo

Este estudo⁴ tem o propósito de identificar a cobertura imagética da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) nos dois jornais de maior circulação do período em Belém-PA: *Folha do Norte* (1896-1974) e *Estado do Pará* (1911-1980). O *corpus* da pesquisa é constituído pelas edições correspondentes aos meses de junho, julho e agosto de 1914, 1915, 1916, 1917 e 1918 (quando a guerra completou mais um ano de duração); outubro e novembro de 1917 (quando o Brasil declarou guerra à Alemanha) e outubro e novembro de 1918 (quando a possibilidade de paz entre os países anunciava o fim do conflito). As discussões de Verón (2005), sobre enunciação e discurso, e de Barthes (1990), a respeito da mensagem fotográfica, constituem o referencial teórico.

Palavras-chave: Jornalismo impresso; Imagem; Fotografia; Primeira Guerra Mundial; Belém.

Introdução

“*Der Krieg ist ein Element der von Gott eingesetzt Ordnung* (A guerra é um elemento de divina ordem natural das coisas)” (NUMERIANO, 1990, p. 32). O *slogan* da publicidade⁵ de cigarros alemã, ainda no final do século XIX, previu o que o povo germânico e toda a Europa iriam viver dali a algumas décadas: os embates da Primeira Guerra Mundial, conflito que envolveu mais de um continente entre 1914 e 1918.

No início do século XX, a imprensa já havia se firmado no mundo, o uso do telégrafo⁶ possibilitava o recebimento de notícias estrangeiras com maior facilidade e os recursos instantâneos da fotografia eram usados para ilustrar jornais e revistas

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista PIBIC-UFPA do projeto *A Trajetória da Imprensa no Pará*. Email: thais.siqueira@outlook.com.

³ Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Orientadora e coordenadora do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”. Email: netilia@uol.com.br

⁴ Este estudo integra o projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal MCT/CNPq N° 14/2012.

⁵ Numeriano (1990) não especifica a data nem o local exato em que a publicidade circulou, indica apenas que a frase foi o *slogan* da marca de cigarros.

⁶ De acordo com Matheus (2012, p.43), o Brasil teve o primeiro telégrafo instalado em 1809, em versão ótica. As linhas do telégrafo elétrico foram instaladas em 1852, mas o cabo transatlântico, o qual facilitaria ainda mais a troca de dados entre a Europa e a América, só foi inaugurado em 1866.

(GIACOMELLI, 2008). No Pará, dois jornais circularam no período da Grande Guerra: *Folha do Norte* (1896-1974) e *Estado do Pará* (1911-1980).⁷ Os dois periódicos foram responsáveis por difundir as informações relacionadas à guerra para a população paraense na época.

Neste estudo, buscou-se identificar a cobertura imagética⁸ da Primeira Guerra Mundial nos dois jornais, com base nas discussões de Verón (2005) sobre enunciação, aplicada à imagem de imprensa, e de Barthes (1990), a respeito da mensagem fotográfica.

Para delimitar o *corpus* da pesquisa, optou-se por fazer um recorte correspondente aos meses de junho, julho e agosto de 1914, 1915, 1916, 1917 e 1918, ou seja, sempre que a guerra completasse mais um ano de duração. Além disso, foram selecionados também os meses de outubro e novembro de 1917, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha, em decorrência do torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães (ARARIPE, 2009), e outubro e novembro de 1918, quando a possibilidade de paz entre os países anunciava o fim do conflito.

192 anos de história: a imprensa no Pará

A imprensa no Brasil surgiu com a chegada da família real e da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, no ano de 1808, momento no qual o Príncipe Regente Dom João VI promoveu a criação de um órgão com o objetivo de divulgar os atos do governo. Teve início, assim, a *Gazeta do Rio de Janeiro* (MOREL, 2008), em 1º de setembro de 1808. No entanto, em 1º de junho do mesmo ano, Hipólito da Costa já havia publicado, em Londres, a primeira edição do *Correio Braziliense*, jornal que “referia-se ao Brasil como Império e tornava-se pioneiro em trazer tal denominação para a imprensa” (MOREL, 2008, p. 7).

Esses dois periódicos marcam o surgimento da imprensa no Brasil, embora haja registros de outras obras produzidas e impressas no país, como afirma Morel (2008). Para o autor, “a imprensa, periódica ou não, surgiu e se consolidou sob determinadas condições e características, que não eram, evidentemente, as de uma democracia moderna, de sociedades industriais ou de uma cultura de massas” (MOREL, 2008, p. 6).

Após essas publicações, outros jornais surgiram, como *A Idade d’Ouro do Brazil* (1811), na Bahia; *O Patriota* (1813) e *O Espelho* (1822), no Rio de Janeiro, e ainda *Aurora*

⁷ Além desses, também havia os periódicos *A Tarde* e *O Diário*, porém, do primeiro, somente algumas edições de 1915 e 1916 estão disponíveis para consulta, e, do segundo, podem ser consultadas as edições dos meses de abril, maio e junho de 1916 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

⁸ Nesta pesquisa, a cobertura imagética inclui tanto as ilustrações quanto as fotografias de imprensa que começam a aparecer nos jornais paraenses.

Pernambucana (1821); *O Conciliador do Maranhão* (1821); *O Paraense* (1822); *O Compilador Mineiro* (1823), em Vila Rica (Ouro Preto); entre outros (MOREL, 2008).

Um dos jornais desse período, *O Paraense*, fundado em 22 de maio de 1822 por Filippe Alberto Martins Maciel Parente e Daniel Garção de Melo, inaugurava o percurso da imprensa no Pará e em toda a região Norte (COELHO, 1993; SEIXAS, 2011). Segundo Coelho (1993), a publicação se dava no período da revolução constitucionalista portuguesa de 1820, a qual influenciou diretamente a política e disseminou as ideias que possibilitaram o surgimento da imprensa na capital paraense.

O pesquisador Aldrin Figueiredo (2008) afirma que durante a Cabanagem,⁹ em meados de 1830, houve um período de tensões políticas e diversidade de ideias que possibilitaram a disseminação das gazetas como porta-vozes dos conflitos. Figueiredo (2008) acrescenta que, mesmo com essa disposição para a luta política, os jornais dessas primeiras décadas do século eram caros, ficando limitados ao consumo da elite e aos letrados, chegando ao restante da população as notícias que eram transmitidas oralmente.

De acordo com o catálogo da Biblioteca Pública do Pará (1985), nessa mesma década, onze jornais circularam em Belém, em edições semanais e bissetimanais (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Até o final da década de 1930, aproximadamente 40 periódicos já haviam circulado na cidade (FERNANDES; SEIXAS, 2010).

A partir de 1870, o processo de circulação dos jornais passou a sofrer transformações significativas com ampliação do mercado da imprensa (FIGUEIREDO, 2008). Inspirados nas mais variadas temáticas e posicionamentos políticos e religiosos, tais como a maçonaria ou o catolicismo, além de temas humorísticos, a diversidade dos jornais paraenses chegou ao século XX (FIGUEIREDO, 2008; 2009). Dos 840 jornais contabilizados em Belém ao longo do século XIX, os mais duradouros foram *A Província do Pará* (1876-2002) e *Folha do Norte* (1896-1974), os quais foram publicados por várias décadas do século seguinte (SEIXAS, 2011).

A Folha do Norte começou a circular em 1º de janeiro de 1896 e teve duração de 78 anos. De acordo com o catálogo da Biblioteca Pública do Pará (1985), o jornal defendia o Partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré, eleito duas vezes para governar o Pará e, depois, por Paes de Carvalho, também ex-governador do Estado, e combatia a política de Antônio Lemos, ex-intendente de Belém por duas vezes e, posteriormente,

⁹ Movimento dos cabanos, moradores de periféricas da Província do Grão-Pará que, em 1835, fizeram um levante popular o qual chegou ao poder após muita luta (SALLES, 1992).

senador. Paulo Maranhão assumiu a direção do periódico de 1917 até 1966, quando faleceu, deixando a administração do jornal para o filho, Clóvis Maranhão. Em 1973, a *Folha* foi vendida a Romulo Maiorana, que a editou por mais um ano e encerrou suas publicações (MASSARANI; SEIXAS; CARVALHO, 2013). O mesmo prédio onde antes eram impressas as edições da *Folha* passou a ser usado para a publicação do jornal *O Liberal*, que existia desde 1946 e circula até os dias de hoje (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Já o *Estado do Pará* foi fundado por Justo Chermont, em 9 de abril de 1911. O jornal também combatia a política de Antônio Lemos e apoiava Lauro Sodré. Por fazer oposição a Dionísio Bentes, então governador do Estado, foi depredado em janeiro de 1928 por policiais civis e militares. Dois anos depois, passou a dar cobertura ao Movimento de 1930, tornando-se porta-voz dos “revolucionários”. O jornal circulou até 31 de dezembro de 1980, quando foi extinto, devido a mudanças de direção e dificuldades financeiras (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Um atentado... um continente em guerra

Em 28 de junho de 1914, o sucessor do trono da monarquia Austro-Húngara, arquiduque Francisco José, e sua esposa, a duquesa Sofia de Hohenberg, foram assassinados a tiros pelo estudante bósnio Gavrilo Princip (ARARIPE, 2009). O atentado ocorreu enquanto o casal visitava Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, e é considerado como o estopim da primeira guerra que colocaria grandes nações em conflito e acabaria com a tranquilidade europeia do período, como afirma Araripe (2009): “A Grande Guerra foi a mãe das guerras dos séculos XX e XXI. (...). A Primeira Guerra Mundial pôs fim à *Belle époque*, nome dado aos primeiros anos do século XX, que teriam sido felizes e despreocupados” (ARARIPE, 2009, p. 319).

O autor (2009) afirma que, a partir desse episódio, levantou-se a suspeita da participação do Reino da Sérvia no atentado. Após ter o pedido de investigação em território sérvio negado, os austríacos declararam guerra aos sérvios em 29 de julho de 1914 e bombardearam Belgrado. À medida que o conflito tomava proporções maiores, os demais países europeus envolviam-se, cada um de acordo com seus interesses. Assim se formaram dois grupos: de um lado, a Entente, composta por França, Grã-Bretanha e Rússia, e, de

outro, os Impérios Centrais ou Tríplice Aliança, formada pela Alemanha, Áustria-Hungria, Itália¹⁰ e Império Turco-Otomano (ARARIPE, 2009).

No total, 28 países envolveram-se no conflito, entre os quais, o Brasil, cuja participação, apesar de pequena, contou com operações navais e aéreas. O país, que havia se mantido afastado do conflito até meados de 1917, declarou guerra à Alemanha em 26 de outubro daquele ano. O motivo foram os ataques alemães a um navio brasileiro no Canal da Mancha, em 3 de abril de 1917, culminando com o rompimento de relações entre o então presidente do Brasil, Wenceslau Braz, e a Alemanha. No mês de outubro de 1917, mais um navio de origem brasileira foi afundado na costa francesa e, em 1918, outros dois foram torpedeados próximo à Europa (ARARIPE, 2009).

Patriotismo, xenofobia, espionagem. Esses e outros assuntos tomaram as páginas dos jornais paraenses nos dois últimos anos de conflito. Multidões foram às ruas pedindo ao Governo a quebra da neutralidade brasileira (BRÍGIDA et al, 2014). Alemães residentes no Brasil foram perseguidos e tiveram seus patrimônios atacados (ARARIPE, 2009).

Em 1918, quando já se falava em armistício e a paz de Versalhes, os jornais tiveram o papel de mostrar ao mundo as condições que estavam sendo impostas aos países derrotados no conflito, sobretudo à Alemanha. Mello e Costa (1995) enumeram algumas das consequências da Grande Guerra, entre as quais, o deslocamento do poder econômico, político e militar da Europa para os Estados Unidos, saldo de 8 milhões de mortos e 20 milhões de mutilados, mudança no mapa político europeu, surgimento de estados independentes, fim do regime czarista na Rússia dando lugar ao regime socialista, e as condições necessárias para, posteriormente, se estabelecerem os regimes nazifascistas no continente europeu (MELLO; COSTA, 1995).

Em 2014, a Primeira Guerra Mundial completa 100 anos, sendo lembrada nos meios acadêmicos. Merece, portanto, uma análise de como foi transmitida aos leitores paraenses do início do século XX por meio das imagens publicadas nos dois periódicos mais importantes da época no Estado.

A cobertura imagética da guerra

Era o ano de 1914, o jovem *Estado do Pará* tinha pouco mais de três anos de existência quando a Primeira Grande Guerra começou na Europa. Possuía as dimensões 42x60 cm, cinco colunas por página, títulos destacados, mas, às vezes, pouco explicativos.

¹⁰ A Itália só mudaria para o lado dos aliados no ano seguinte, em 1915, formando a Frente Italiana, na fronteira com a Áustria-Hungria.

O periódico dava bastante espaço para assuntos internacionais, geralmente, pelo menos um tema por edição. Publicava matérias sobre política, economia, greves, epidemias, cinema e teatro, festas populares e acontecimentos de outros estados do país. Quanto à publicação de imagens, era frequente no *Estado do Pará*, independente de estarem relacionadas à guerra.

Já a *Folha do Norte*, naquele período completando seus 18 anos e meio e com dimensões 67x50 cm, também tinha cinco colunas por página. Os títulos dos textos eram curtos e sintéticos, mas também, pouco esclarecedores, às vezes. Nesse período, o jornal publicava assuntos referentes à política e à sociedade do Pará, havia poucos temas estrangeiros em destaque na *Folha*, a não ser na coluna “Serviço Telegraphico”, localizada na terceira página, e não era frequente a publicação de imagens.

A partir da publicação das primeiras notícias sobre o atentado de Sarajevo, as informações relacionadas à guerra passaram a fazer parte do processo de enunciação dos jornais. Verón (2005) define enunciado e enunciação como dois conceitos que não podem ser separados. Assim, “a ordem do enunciado é a ordem do que é dito (aproximadamente poder-se-ia dizer que o enunciado é da ordem do conteúdo); a enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, os modos de dizer” (VERÓN, 2005, p.216). No entanto, o autor (2005) enfatiza que esses dois conceitos não se limitam ao par “conteúdo/forma”.

Ao aplicar essas definições às imagens de imprensa, Verón (2005) afirma que nas composições texto/imagem não se pode analisar o conteúdo imagético isoladamente, ou seja, deve-se sempre considerar os “elementos linguísticos que a acompanham, que a comentam” (VERÓN, 2005, p. 169).

Na análise da revista *Novel Observateur*, por exemplo, a qual sempre continha uma fotografia na capa, Verón (2005) explica que as imagens na imprensa precisam, necessariamente, ser percebidas a partir da comparação com um tipo mais “clássico” de tratamento de imagens, que o autor denomina *imagem de imprensa testemunhal*.¹¹

A imagem de imprensa testemunhal tem o estatuto semiótico de verdadeiro *fragmento de realidade*; seu valor repousa inteiramente na singularidade irreduzível, única, daquilo que ela consegue mostrar. (...). Ter estado lá, ter conseguido mostrar isso, eis o essencial. É claro, esse modelo está historicamente ligado à constituição do imaginário social em torno do jornalista (o perigo de seu trabalho, a habilidade necessária e, sobretudo, seu papel de *go-between*, de mediador entre a atualidade e o

¹¹ Verón (2005) explica que esse modelo de tratamento de imagens está sendo transformado há alguns anos por um tipo de discurso mais “moderno” da informação, do qual alguns aspectos podem ser vistos com mais facilidade na imprensa escrita, e outros, nas informações televisivas. Trata-se, segundo o autor, de “mudanças estruturais que correspondem à implantação das sociedades ditas pós-industriais” (VERÓN, 2005, p. 170).

“público”), que tomou forma ao longo da história das *mass media* modernas e que as duas guerras mundiais contribuíram para cristalizar (VERÓN, 2005, p. 169).

Dessa forma, a imagem testemunhal é coerente com o discurso da imprensa de mediadora entre o acontecimento e o público.

Se o essencial da ideologia clássica da informação se resume na senha “ter estado lá” para poder contar-nos (paradigma no imaginário social: o jornalista no *front* de guerra), a imagem testemunhal encontra seu papel e seu sentido em alguma coisa que é muito mais do que uma simples “caução do real”: é como se, graças a ela, nós também, o público, tivéssemos estado lá (VERÓN, 2005, p. 170).

O autor enumera alguns procedimentos de análise para a capa da revista *Novel Observateur* que podemos utilizar para o exercício de observar as imagens dos jornais *Folha do Norte* e *Estado do Pará* na cobertura da guerra. O primeiro é o “fundo semântico”, onde a imagem ocupa a totalidade da capa. Nesse procedimento, texto e imagem estão em equilíbrio, pois remetem um ao outro, mas a imagem perde seu valor testemunhal e passa a representar um conceito, pois adquire um caráter abstrato (VERÓN, 2005).

O segundo procedimento é baseado em uma “retórica visual das personagens”. Isso significa que terão destaque os traços de determinada personagem. Nos exemplos citados por Verón (2005), representantes políticos surgem em plano médio e *close*, ocupando quase a capa inteira, evidenciando detalhes do rosto. As “metáforas visuais”, terceiro procedimento, quase não usadas na imprensa informativa, são compostas por uma retórica simples e explícita. Elas podem ser fotográficas ou gráficas. Para Verón (2005, p. 177), “a especularidade texto/imagem é, neste caso, total”. O quarto procedimento, denominado “especialização”, consiste em arrumar várias imagens na capa, separadas e destacadas umas das outras. Já no quinto procedimento, não nomeado pelo autor e o mais parecido com o modelo testemunhal clássico, as imagens apresentam um acontecimento singular, o texto fica em uma área destacada da imagem e sempre está a frente do acontecimento registrado (VERÓN, 2005, p. 169-182).

Na cobertura imagética da Primeira Guerra Mundial pelos jornais estudados, constatou-se que os procedimentos descritos por Verón (2005) predominantes são a *retórica visual das personagens*, percebida pela presença abundante de bustos, seja por meio da ilustração ou da fotografia; a *especialização*, inclusive usada na organização dessas imagens de bustos nas primeiras páginas e de fotografias em plano geral mostrando uma sequência; e o quinto procedimento, similar ao modelo testemunhal clássico, como foi dito anteriormente, já que os títulos sempre acompanhavam as imagens, ainda que não houvesse

um texto jornalístico mais extenso, além disso, algumas vezes não só repetiam o que estava apresentado nas imagens, mas acrescentavam outras informações.

A *retórica visual das personagens* pode ser percebida em alguns casos, como no uso de bustos para ilustrar as matérias da guerra no *Estado do Pará*. O atentado de Sarajevo, por exemplo, só foi publicado no periódico no dia 2 de julho de 1914, quatro dias depois do assassinato, mas a notícia foi divulgada em primeira página e estava acompanhada pelo busto do arquiduque Francisco José (ESTADO DO PARÁ, 2 jul. 1914, p. 1). Após essa data, o *Estado* passou a divulgar imagens dos bustos do kaiser Guilherme II, da Alemanha, e de outros presidentes e imperadores de países europeus. Em julho e agosto de 1916, as fotografias de bustos voltaram a ilustrar as notícias sobre a guerra no *Estado do Pará*.

Em 3 de agosto de 1914, há um exemplo da *espacialização*, onde várias imagens de bustos surgem separadas umas das outras e com certo destaque (ESTADO DO PARÁ, 3 ago. 1916, p.1). Já o plano geral¹² foi utilizado em fotografias das praças alemãs de Potsdam e Leipzig e o Palácio Real de Berlim, sob o título “Atraves da Allemanha” (ESTADO DO PARÁ, 27 ago. 1914, p. 1). Percebe-se, inclusive, por meio dessas fotografias, o interesse do jornal pelo país e a maior facilidade em receber imagens provenientes da Alemanha do que de outros países em guerra.

Imagem 1 - Estado do Pará, 3 ago. 1916, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Em 23 de outubro de 1917, sob a manchete “O Brasil vae declarar guerra a Allemanha”, foram publicadas as imagens dos bustos do presidente brasileiro Wenceslau Braz e do Ministro do Exterior, Nilo Peçanha. São imagens posadas e estão manchadas (ESTADO DO PARÁ, 23 out. 1917, p.1). A edição de 1º de dezembro de 1918 trouxe o

¹² Segundo Nogueira (2010), “tomando sempre como referência a figura humana, podemos afirmar que um plano geral nos mostra integralmente uma personagem, dos pés à cabeça. No entanto, um plano geral pode incluir, além da personagem completa, o cenário que a envolve” (NOGUEIRA, 2010, p. 40).

kaiser Guilherme II como o “kaiser desmascarado” e os presidentes e generais aliados como os “heróis da guerra” (ESTADO DO PARÁ, 1º dez. 1918, p.1).

Imagem 2 - Estado do Pará, 1º dez. 1918, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Já na *Folha do Norte*, entre 1914 e 1916, a guerra era mencionada constantemente na coluna “Serviços Telegráficos” – localizada na terceira página – e, eventualmente, na capa. Mas raramente havia imagens para ilustrar os textos, e, quando havia, eram pequenas imagens de bustos.

Na edição de 6 de novembro de 1918, o periódico divulgou na capa as imagens dos bustos de três homens: o francês Foch, o alemão Guilherme II e o italiano Diaz, com o título “Os grandes vultos da guerra” e as legendas “Generalíssimo Foch, o encaminhador das tropas aliadas para o triunfo”, “Guilherme II, que na quarta-feira última abdicou, capitulando deante do adversário” e “General Diaz, que à frente do exercito italiano, acaba de recuperar Trento e Trieste” (FOLHA DO NORTE, 06 nov. 1918, p.1). Em 1º de dezembro de 1918, a *Folha* ocupou quase a capa inteira com os bustos de presidentes dos países aliados. O destaque no centro do círculo formado na imagem foi dado para Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos (FOLHA DO NORTE, 1º dez. 1918, p.1).

Imagem 3 - Folha do Norte, 06 nov. 1918, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Imagem 4 - Folha do Norte, 1º dez. 1918, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

O jornal também divulgou imagens de navios envolvidos no conflito, prédios históricos (como a imagem do Parlamento Alemão em Berlim, publicada em 12 de novembro de 1918) e cidades alemãs arrasadas pelas tropas aliadas ou mesmo da família do kaiser Guilherme II rumo ao exílio (FOLHA DO NORTE, 30 nov. 1918, p.1).

Imagem 5 - Folha do Norte, 30 nov. 1918, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

O quinto procedimento, não nomeado pelo autor (2005) e o mais parecido com o modelo testemunhal clássico, pode ser exemplificado com a edição do *Estado do Pará* de 15 de julho de 1915. Nela, o título repete claramente o que se pode visualizar na imagem, mas há acréscimo de informações, como a data de chegada e o lugar para onde se dirigia o submarino alemão U-29 e seu comandante Otto Weddigen.

Imagem 6 - Estado do Pará, 15 jul. 1915, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

As imagens apresentadas mostram que, mesmo que as ilustrações ainda predominassem nos periódicos nos anos correspondentes à Primeira Guerra, percebe-se o espaço que a fotografia vai ganhando gradativamente. Sougez (2001) explica:

Durante a Primeira Guerra Mundial, a fotografia foi utilizada como instrumento tático: desenvolveu-se a prática das fotografias aéreas, se bem que a maior parte da informação gráfica publicada na imprensa tenha sido feita por desenhadores que

faziam esboços directos ou inspirados em fotografias. Acabado o conflito, a ilustração fotográfica em livros de arte, de viagens ou de antropologia, assim como em revistas especializadas, difunde-se, facilitada pelos grandes progressos registrados na fotomecânica. As distâncias, cada vez melhor ultrapassadas graças à evolução dos transportes, encurtam-se e acumulam-se imagens procedentes do mundo inteiro (SOUGEZ, 2001, p. 235).

Kossoy (2001) afirma que, após o advento da fotografia, o mundo adquiriu um aspecto mais “familiar”, os indivíduos puderam visualizar situações e lugares que antes só poderiam ser imaginados por intermédio da transmissão oral (KOSSOY, 2001, p. 26).

Era o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes. Microaspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua representação. O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua *imagem fotográfica*. O mundo tornou-se, assim, *portátil e ilustrado* (KOSSOY, 2001, p. 26-27).

Para compreender o processo de transmissão da mensagem fotográfica, são pertinentes as discussões de Barthes (1990). O autor (1990) classifica a fotografia jornalística como uma mensagem, composta por uma fonte emissora (a redação do jornal), um canal de transmissão (o próprio jornal) e um meio receptor (o público que lê o jornal). Além disso, para o autor, a fotografia possui uma autonomia estrutural, a qual se relaciona com outras estruturas, como o texto (BARTHES, 1990).

A totalidade da informação está, pois, apoiada em duas estruturas diferentes (uma das quais, linguística); essas duas estruturas são concorrentes, mas, tendo unidades heterogêneas, não se podem confundir; no texto, a substância da mensagem é constituída por palavras; na fotografia, por linhas, superfícies, matizes (BARTHES, 1990, p.12).

Assim, aliado ao suporte da fotografia da guerra, estava um título que relacionava o acontecimento à imagem e as legendas que a explicavam. A respeito do texto, Barthes (1990) faz três observações: a palavra consiste em uma “mensagem parasita” (Barthes, 1990, p. 20) que conota a imagem, dando outros significados a ela; quanto mais próximo da imagem, menos a palavra a conota; e é impossível o texto duplicar a imagem, uma vez que há passagem de uma estrutura para outra, criam-se outros significados (BARTHES, 1990).

O autor (1990) apresenta seis procedimentos de conotação: “trucagem” (quando há interferência no interior do plano de denotação, podendo fazer passar por denotada uma fotografia extremamente conotada), “pose” (quando a mensagem é denotada-conotada, mas é vista como denotada apenas), “objetos” (composição de objetos pelo fotógrafo com o objetivo de transmitir uma mensagem com base nos itens escolhidos e arrumados de uma determinada forma), “fotogenia” (a imagem é “embelezada” por técnicas de iluminação,

impressão, etc.), “estetismo” (quando se busca impor significados mais sutis que os permitidos por outros procedimentos) e “sintaxe” (sequência de fotografias para dar um sentido, contar uma história) (BARTHES, 1990, p. 15-19).

Dos procedimentos explicados pelo autor, predomina na cobertura da época a sintaxe, sobretudo no quadro “A guerra pela imagem”, do jornal *Estado do Pará* (ESTADO DO PARÁ, 1º jul. 1916, p.1; 02 jul. 1916, p.1; 09 jul. 1916, p.1; 11 jul. 1916, p.1), e a pose, identificada nos bustos dos generais, presidentes e demais representantes políticos das nações envolvidas no conflito (ESTADO DO PARÁ, 30 ago. 1914, p.1).

Imagem 7 - Estado do Pará, 1º jul. 1916, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Imagem 8 - Estado do Pará, 02 jul. 1916, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Imagem 9 - Estado do Pará, 09 jul. 1916, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Imagem 10 - Estado do Pará, 11 jul. 1916, p.1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Imagem 11 - Estado do Pará, 30 ago. 1914, p.1



Imagem 12 - Estado do Pará, 30 ago. 1914, p.1



É necessário considerar que a leitura da fotografia é histórica, isto é, dependerá sempre da experiência do observador, de sua vivência, cultura, conhecimento de mundo. Diz Barthes (1990, p. 23): “(...) é provável que uma boa fotografia jornalística (todas o são, porque selecionadas) jogue com o suposto saber de seus leitores, escolhendo as cópias que tragam a maior quantidade possível de informações desse tipo, de modo a tornar a leitura mais agradável”.

Esse critério de seleção, relacionado à proximidade do público com a informação, pode ter favorecido o uso de várias dessas imagens em comemoração a assinatura do armistício em Belém, ocupando quase a capa inteira somente com fotografias das festas (FOLHA DO NORTE, 8 dez. 1918, p.1). Sobre as comemorações, as fotografias mostram carros alegóricos, desfiles de soldados oficiais e uma multidão seguindo o cortejo. Cada carro alegórico, de acordo com a legenda, representava um país aliado, incluindo um que representava o Brasil (FOLHA DO NORTE, 08 dez. 1918, p.1).

Imagem 13 - Folha do Norte, 8 dez. 1918, p.1



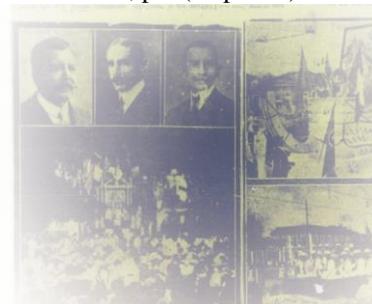
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Imagem 14 - Folha do Norte, 8 dez. 1918, p.1 (ampliada)



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Imagem 15 - Folha do Norte, 8 dez. 1918, p.1 (ampliada)



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Considerações finais

Mesmo com limitações, percebe-se que os jornais *Folha do Norte* e *Estado do Pará* fizeram uso do recurso imagético para informar o público leitor sobre o conflito na Europa. Como explicam Sougez (2001) e Kossoy (2001), as duas guerras foram importantes para o desenvolvimento da fotografia, entre outros fatores, por apresentar aos leitores uma realidade não era conhecida, devido ao distanciamento geográfico.

O recorte dos anos correspondentes à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pequeno, mas significativo, permitiu compreender um pouco sobre a história do fotojornalismo em Belém do Pará. No caso dos jornais pesquisados, por exemplo, percebe-se que há uma reorganização dos textos com a inserção das fotografias de imprensa, pois, ao contrário das ilustrações de bustos, as quais, normalmente, ocupavam um pequeno espaço na página, a fotografia ganhou espaços maiores, ocupando de três a quatro colunas, dependendo do periódico.

Por fim, compreender como as fotografias de guerra foram introduzidas na imprensa paraense e chegaram às mãos dos leitores é fundamental para a construção do conhecimento

sobre a história do fotojornalismo na Amazônia. Conhecer esse percurso ainda é um desafio aos pesquisadores da história da mídia impressa na região, o que demanda a continuidade dos estudos.

Referências

ARARIPE, Luiz de Alencar. Primeira Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 319-353.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 11-25.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, 1985.

BRÍGIDA, Jesse Andrade Santa; SILVA, Lorena Saraiva da; SIQUEIRA, Thaís Christina Coelho; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornalismo de trincheiras**: a imprensa paraense na cobertura da Primeira Guerra Mundial. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 2014, Belém. Anais eletrônicos... Belém: UFPA, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0866-1.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2014.

COELHO, Geraldo Mártires. **Anarquistas, demagogos e dissidentes**: a imprensa liberal no Pará de 1822. Belém: Edições CEJUP, 1993.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Imprensa e Política na Belém do início do século XIX**. In: IX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 2010, Rio Branco. Anais eletrônicos... Rio Branco: UFAC, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0153-1.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2014.

_____. Comunicação e história: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. **Revista Brasileira de História da Mídia** (RBHM). Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR). -- v. 1, n. 1, (jan. 2012 / jun. 2012). Porto Alegre / São Paulo: Alcar / Socicom, 2011. p. 33-40.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822-1922 (primeira parte). ZYG360.com. **Publicação trimestral da Fundação de Telecomunicações do Pará**. P. 36-38, Ano I, nº 4, Nov. 2008.

_____. Uma história impressa: os jornais paraense, 1822-1922 (parte final). ZYG360.com. **Publicação trimestral da Fundação de Telecomunicações do Pará**. P.40-45, Ano II, nº.5, Mar. 2009.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. **Revista Discursos Fotográficos**. Universidade Estadual de Londrina. PR. 2008. Disponível: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1924/1657>>. Acesso em: 21 mai. 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MASSARANI, Luisa; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; CARVALHO, Vanessa Brasil de. A ciência nas páginas da Folha do Norte: um olhar ao longo de oito décadas. **Revista Brasileira de História da Ciência**. Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC). -- v. 6, n. 2, (jul / dez 2013). p. 283-300.

MATEHUS, Leticia Cantarella. Questões sobre o marco histórico do telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1900). **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**. Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR). -- v. 1, n. 1, (jan. 2012 / jun. 2012). Porto Alegre / São Paulo: Alcar / Socicom, 2011. p. 41-51.

MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César Armad. Primeira Guerra Mundial. In: **História moderna e contemporânea**. São Paulo: Scipione, 1995. p. 211-223.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p.23-43.

NOGUEIRA, Luís. Manuais de Cinema III: Planificação e Montagem. Livros Labcom, Covilhã, 2010. Disponível: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/nogueira-manuais_III_planificacao_e_montagem.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

NUMERIANO, Roberto. **O que é guerra**. Coleção Primeiros Passos 236. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. O uso da imagem na mídia impressa de Belém: percurso e configuração. In: PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris; NASCIMENTO, Layse; FERNANDES, Márcio (Org.). **Fatos do passado na mídia do presente**: rastros históricos e restos memoráveis. São Paulo: INTERCOM e-livros; UNICENTRO, abril de 2011, p. 279-306.

_____. **A trajetória da imprensa no Pará**. Projeto de pesquisa CNPq, Edital Universal MCT/CNPq N° 14/2012 - Faixa A. Belém: UFPA, 2012.

SOUGEZ, M. L. **História da fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001.

VERÓN, Eliseo. O espaço da suspeita. In: **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. p. 159-212.

_____. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In: **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. p. 215-238.